

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE UMA CRIANÇA DO VALE DO ITAJAÍ (SC)

Jacqueline Leire Roepke Capellaro
jacleire@gmail.com
FURB Universidade Regional De Blumenau

Eixo temático: Educação e Infância

Resumo: O objetivo deste artigo foi o de evidenciar as práticas de letramento utilizadas por uma criança ao longo dos seus seis anos de idade, tanto no contexto familiar, quanto na esfera educacional. A pesquisa, do tipo básica, que empregou o método qualitativo, e o procedimento observação participante, foi realizada com a criança e a família da mesma. Além das observações e interações, foram analisadas setenta e seis fotografias do acervo da família e quatro vídeos produzidos pela mãe dela, a fim de identificar como a inserção no mundo da cultura escrita foi se efetivando desde a mais tenra idade da garota. A análise dos dados permitiu verificar que tanto a família quanto a vida escolar influenciam as práticas de letramento da criança, e que, inclusive ela transcende os usos da escrita e leitura dos pais, e também interfere nas práticas de letramento deles.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Escrita. Discurso.

1. Introdução

A busca por compreensão da inserção de crianças nas práticas sociais de leitura e de escrita é o enfoque deste trabalho. Trata-se de um estudo de caso que analisa práticas leitoras, e de escrita no decorrer de seis anos e seis meses de uma criança do Vale do Itajaí (SC) nos dias atuais, tanto no domínio familiar, quanto escolar.

Para Kleiman (1995) o letramento consiste em um conjunto de práticas sociais que empregam a escrita, tanto como sistema simbólico, quanto como tecnologia, em contextos e para fins específicos. A autora ressalta que os estudos do letramento envolvem as práticas atinentes à escrita em toda a atividade da vida social. Isto é, o letramento transcende a habilidade de ler e escrever, já que ele se configura também como uma prática discursiva de determinado grupo social, que está vinculada ao papel que este grupo atribui à escrita para tornar a interação oral significativa. Pressupõe uma prática em que as pessoas apreendem símbolos gráficos e palavras escritas, e as utilizam.

Este trabalho pauta-se no modelo ideológico de letramento proposto por Street (2003) no qual todas as práticas de letramento implicam aspectos da cultura, e até mesmo das estruturas de poder em uma sociedade. Neste sentido, letramento não é uma habilidade técnica e neutra, ou seja, ao aprender o letramento, a pessoa não está somente descobrindo como se decodifica a escrita, ou a escrever com dada caligrafia. Aprender o letramento consiste em apreender um processo e modelos culturais de identidade e personalidade. Street (2003) ainda acrescenta que todo letramento é aprendido num contexto exclusivo de um modo peculiar e as relações sociais entre os que aprendem e os que instruem são modalidades de socialização e aculturação.

Portanto, descreve-se a relação que esta família estabelece com a cultura escrita, inclusive as práticas e as formas de circulação do livro e de outros portadores de texto neste lar. Observa-se que a criança integrante da família faz uma estreita relação entre o brincar e o letramento. O trabalho ainda revela as influências do âmbito escolar no letramento desta menina.

Neves, Castanheira e Gouvea (2015) propalam que muitas vezes, o letramento e a alfabetização aparecem relacionados com o ensino fundamental, ao passo que a educação infantil parece priorizar o brincar. No entanto, estas autoras sinalizam que a criança pode ingressar na cultura escrita muito antes de iniciar seus estudos no ensino fundamental. Até mesmo, quanto antes as crianças acessam os usos e o significado da cultura escrita, parecem demonstrar melhor desempenho escolar no ensino fundamental. Logo, estas autoras afirmam que é necessário debater o lugar que a escrita ocupa na vida das crianças dentro e fora da escola.

Este trabalho está estruturado em quatro seções. Primeiramente, descreve os procedimentos metodológicos. Em seguida, apresenta uma breve contextualização desta família. A terceira seção analisa como ocorre a inserção da criança na cultura escrita no domínio familiar. A última seção diz respeito ao letramento no contexto escolar.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, cuja abordagem do problema é qualitativa. No que tange à realização dos objetivos, a pesquisa é explicativa e faz uso do procedimento técnico denominado observação participante. Esta metodologia possibilita a observação das ações no momento em que acontecem, e a pesquisa é realizada através da integração do pesquisador, que pode identificar aspectos subjetivos que não seriam percebíveis em outras técnicas. Também foram analisadas evidências fotográficas e vídeos do acervo da família da criança, que mostram eventos de letramento em momentos diferentes da vida da criança. O acervo é composto por cerca de setenta e oito mil fotografias e cinquenta vídeos, dos quais, foram selecionados setenta e seis fotografias e quatro vídeos para análise.

3. Contextualização da família

Aurora (nome fictício) nasceu em 2008. É uma filha única que começou a frequentar núcleo de educação infantil público aos dez meses, onde permaneceu até os três anos e nove meses. Depois disto, passou a estudar em instituição particular na qual permanece até os dias atuais. Ela reside com os pais, no mesmo município desde o nascimento, situado no Vale do Itajaí (SC).

O pai de Aurora nasceu em 1976 numa vila interiorana do Oeste catarinense, e a mãe dela nasceu em 1983 no Vale do Itajaí (SC). Atualmente, ele é engenheiro de telecomunicações e professor universitário. Ela é psicóloga e professora universitária. Quanto ao grau de instrução, ele concluiu o mestrado, e ela fez quatro especializações.

O apartamento em que residem dispõem de portadores de texto em todos os cômodos. Enquanto estão no lar, grande parte do tempo tanto do pai quanto da mãe são destinados à leitura e produção textual, sendo que cada um possui um escritório dentro do lar. Aurora observa-os diante dos livros e dos computadores e muitas vezes senta-se no colo deles enquanto estudam.

O quarto de Aurora, tem prateleiras que abrigam seus brinquedos – bonecas e pelúcias. Alguns são personagens que ela encontra em seus livros. Há um criado mudo, cuja única finalidade é acomodar seus livros. Kleiman (1995) expõe que os livros e a informação derivada dos livros (personagens

dos livros, por exemplo) tornam-se a principal atração do quarto da criança, que já aos seis meses presta atenção a esses elementos decorativos.

4. Aurora e o letramento no domínio familiar

As fotos revelam que logo após o estado puerperal, Aurora já transitava em um ambiente repleto de livros e de outros portadores de texto. Há um registro fotográfico em que a garota, aos dois meses está tomando mamadeira no colo da mãe, perto de uma estante com diversos livros e pastas com folhas de anotações.

Desde bebê, Aurora presencia eventos de letramento em que o pai lê/escreve com objetivos acadêmicos, profissionais, religiosos e tencionando o desenvolvimento pessoal. Escreve para comunicar-se (*e-mail, sms*), e para planejar (agenda). A mãe, também lê/escreve com objetivos acadêmicos, profissionais e religiosos. Escreve para comunicar-se (*e-mail, sms, facebook*). Escreve para registrar o passado (álbum de fotos com legendas). Escreve para planejar viagens (roteiros). Nas férias, borda ponto cruz, geralmente motivos com nome próprios. Tanto o pai quanto a mãe alegam que apreciam a leitura, há anos, e restringem a leitura com tais objetivos, pois não costuma sobrar tempo para literatura ou leituras diferentes.

Na gestão, a mãe idealizava contar histórias sob a luz acalentadora do abajur, com a filha nos braços, porém, Aurora é uma criança muito ativa, que movimenta-se bastante. A mãe procurou ler histórias infantis para Aurora, desde a mais tenra idade, mas, ela parecia não prestar atenção. Assim que aprendeu a agarrar objetos, tomava o livro das mãos da mãe. Ela gostava de apalpar o livro, virar as folhas, olhá-lo, até leva-lo à boca, mas, parecia não ter disposição para ouvir as histórias. Julgando que a atividade não estava sendo proveitosa, a mãe reduziu a quantidade de tentativas de leitura para a filha.

Na época, a mãe fazia a leitura sem imitação de voz, sem explorar expressões faciais. Só passou a desenvolver a habilidade de contar histórias, na medida em que a filha começou a demonstrar interesse por elas, e quando passou a atuar profissionalmente com crianças, percebendo as estratégias de contação de história das professoras de educação infantil.

Até os dois anos de idade, Aurora tinha dois livros. Um voltado para o público infantil, e um de poseias. Em uma fotografia, Aurora parecia estar se familiarizando com as partes que compõem um livro. Os pais permitiam que ela colorisse este livro com lápis de cor.

Há outras duas fotos desta mesma fase, que foram examinadas. Na primeira, Aurora aparece observando uma revista com uma expressão facial alegre, com os olhos voltados para alguma imagem da revista. Na segunda, ela está apontando para uma imagem de um folder turístico, com uma expressão facial difícil de interpretar, revelando uma expressão facial de dúvida. Nos dois casos, demonstra que se relaciona com tais portadores de texto de maneira emocional e afetiva.

De acordo com Kleiman (1995) o letramento inicia muito cedo, a partir do momento em que a criança passa a acessar eventos de escrita. Enquanto ela tiver este acesso, seu letramento terá seguimento.

A partir dos dois anos, há inúmeras fotografias em que Aurora está “lendo” para as bonecas. Na primeira, ela está sentada numa poltrona, com o livro no colo, e a boneca sentada ao lado. Há uma sequência de fotos do mesmo evento de letramento, nas quais Aurora vira o livro na altura dos olhos da boneca, faz diversas expressões faciais e busca contato visual com a boneca. Kleiman (1995) revela que a partir dos dois anos as crianças começam a inventar, fantasiar, narrar histórias que não são verdadeiras, e os adultos costumam estimular esse tipo de atividade verbal. Há uma atitude generalizada de tratar o livro como se fosse uma diversão. A autora ainda informa que nesse período, a criança começa a “ler” (fingir que está lendo) para o adulto. Há fotografias em que o livro de Aurora aparece em meio aos brinquedos, então a família parece não diferenciar leitura de brincadeira, nesta faixa etária.

Em outra fotografia, Aurora observa uma ilustração na qual Jesus aparece de mãos dadas com crianças, formando uma roda. Ela própria segura suas mãos observando o enlace das mesmas, comparando-o ao enlace da ilustração. Conforme Alexandroff (2009) a leitura não pode ser adstrita somente ao ato de reconhecimento e reprodução de palavras nem à atitude passiva diante do texto. Pelo contrário, o leitor é um sujeito ativo que ao

interagir com o texto faz descobertas, imagina, produz significações, de acordo com sua história de leitor.

É perceptível que Aurora é uma criança ativa diante dos livros, demonstrando interagir com as histórias e envolver-se com as mesmas. Nesta fase, embora não faça a leitura das palavras em si, ela realiza a leitura de imagens e sua expressão corporal demonstra que ela está produzindo significações, durante este contato com os livros.

Até os dias atuais, a regularidade que se observa nas fotografias de Aurora, é o papel de contadora de histórias que ela ocupa diante das bonecas. Este evento parece tornar-se mais arrojado com o passar dos meses. Inicialmente, um livro e uma boneca. Depois, mais livros vão aparecendo ao seu redor, e a plateia de bonecas também aumenta. Adiante, cada boneca tem um livro diante de si. Depois, Aurora acrescenta um objeto (peça de um jogo) para cada boneca, certamente representando lápis. Na foto mais recente, Aurora está com livros ao seu redor, cerca de doze bonecas à sua frente, cada uma com um livro, um lápis e uma folha de papel.

Também foram analisadas algumas fotos em que Aurora está apreciando peças de teatro, inspiradas em livros. Duas fotos foram selecionadas para análise, na primeira, Aurora e a mãe assistem ao Espetáculo: “Um, Dois, Três: Alice!”, interpretado pelo Grupo: Téspis Cia. de Teatro – Itajaí (SC). Meses depois, Aurora comprou um livro intitulado “Alice no País das Maravilhas”, que inspirou o espetáculo. Nas férias, subsequentes, impulsionada pela filha, a mãe comprou e leu o livro “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll. Na segunda foto, os três integrantes da família assistem ao Espetáculo: “A Nova Roupas do Imperador ou Tecendo Vento” do Grupo: Cia. Teatral Confraria Tambor – Uberlândia (MG). Depois, Aurora encontrou três versões da história no sebo, e a mãe adquiriu as três. Inclusive o pai adquiriu um *e-book* “A Roupas do Rei de Hans Christian Andersen”, que a menina ouvia seguidamente em seu rádio, na casinha de bonecas.

No início desta seção, foram apresentados os eventos de letramento dos pais. Vale ressaltar como Aurora transcende estes usos: Aurora “lê” obras de literatura infantil, e aprecia fantasiar as histórias. Assim como os pais, “lê”/“escreve” com objetivos escolares. Diferencia-se dos pais, quando

“lê”/“escreve” como lazer, brincadeira, revistas de passatempo, jogos com letras. Precisa da mediação dos pais para procurar vídeos no *you tube*, na *Smart TV*. Quanto à escrita, Aurora gosta de elaborar cartas para os pais e avós, mediada pela mãe, que soletra letras, ou indica sílabas, das frases que Aurora pede para a mãe ajudar a escrever.

Os pais praticamente só comunicam-se com pessoas conhecidas, por meio da escrita, mas, Aurora, insistiu para a mãe auxiliá-la na elaboração de duas cartas que foram remetidas para dois programas de TV diferentes. A ideia surgiu do programa “Quintal da Cultura” da TV Cultura, destinado ao público infantil, abre um espaço para mostrar as cartas e desenhos enviados pelas crianças. Aurora desenhou duas personagens do programa e escreveu duas frases para eles. Ela acompanhou a mãe, inclusive, na ida ao correio.

A segunda carta foi escrita para o jornalista de um programa da mídia local transmitido pela RBS TV. Nesta carta, Aurora desenhou um coração cheio de flores e pediu para a mãe ajudar a escrever o nome completo do jornalista com a frase “Gosto como você fala.” A carta foi digitalizada e enviada pelo *facebook*, para a *fan page* do Jornal. No dia seguinte, Aurora foi surpreendida, quando o jornalista agradeceu pela carta no final do programa, mencionando o nome dela, e convidando-a para ver uma transmissão ao vivo. Na semana ulterior Aurora foi à emissora e entregou-lhe a carta em mãos.

Dias depois, Aurora encontrou-o num restaurante. Ele veio ao encontro dela, para conversar. Ela perguntou se o jornal mostraria a Feira do Livro que ocorreria na semana seguinte. Aproveitou para resumir seu livro favorito para ele. Cabe lembrar que de acordo com Kleiman (1995), além de leitura e escrita, letramento também salienta práticas discursivas. Aurora se apropriou-se delas para relatar o livro, e explicá-lo com expressões como “nas entrelinhas” – cuja origem remete aos textos escritos. Ainda conforme Kleiman (1995), sua oralidade começa a ter as características da oralidade letrada, já que é ao lado dos pais, nas atividades do cotidiano, que essas práticas orais são obtidas.

Há várias fotos em que a mãe está com Aurora em duas bibliotecas públicas municipais, e em duas bibliotecas de instituições de ensino superior. Em todas estas fotos, a mãe se deslocou para lá com o intuito exclusivo de ler

histórias infantis diferentes para Aurora. Há fotos em que estão manuseando os livros nas mesas, e outras em que estão sentadas sobre almofadas e até mesmo deitadas nos tapetes.

Por fim, há fotos em que Aurora está em praticamente todas as edições anuais de Feira de Rua do Livro do município em que reside, além de prestigiar as Feiras do Livro de municípios limítrofes. Nas fotos, Aurora está folheando livros em cantinhos de leitura, escolhendo livros nas barracas comerciais, e ao lado de escritores de literatura infantil da região.

5. As influências da escola no letramento de Aurora

A primeira fotografia em que Aurora aparece manipulando um livro em casa, coincide com o período em que ingressou na instituição de educação infantil, aos dez meses. Outra forte influência na educação infantil, é a da “Maleta da leitura”, na qual, Aurora levou para casa um livro da instituição, e em casa, ela só soltou o livro para tomar banho. A mãe e o pai exploraram a leitura do livro, dada a empolgação e insistência da menina. A partir daí, o pai começou a comprar mais livros para ela.

Kleiman (1995) assevera que a escola explicita a mais importante das agências de letramento, uma das que mais prioriza a alfabetização.

Embora a mãe tenha procurado ler histórias para ela, tudo indica que foi no ambiente escolar que Aurora passou a apreciar a contação de histórias. Afinal, suas “leituras” para as bonecas certamente reproduzia as técnicas de contação de histórias das professoras.

Os pais de Aurora deram-lhe alguns jogos que envolvem letras e formação de palavras, e brincavam com a garota. A mãe comprou um caderno no qual passava atividades semelhantes às que fazia na escola durante sua infância e o pai compra vez ou outra, revistas de atividades e passatempos para ela. Mas é na escola que Aurora é exposta à aprendizagem sistematizada, com objetivos claramente definidos e mediados pelos professores.

No pré-escolar, a professora trabalhou a apresentação das letras articuladas ao uso da escrita. Por exemplo, construiu um “Cartaz do alfabeto”, no qual, cada criança precisou trazer para a escola rótulos de embalagens que

iniciavam com determinadas letras. As crianças colaram seus rótulos no espaço das letras correspondentes e a professora foi associando as letras aos rótulos mais conhecidos pelas crianças, no decorrer do bimestre.

Mesmo que este trabalho não focalize a alfabetização, ela também é uma prática de letramento. Este cartaz mostra traços dos métodos sintéticos de alfabetização, que conforme Frade (2003), privilegiam o trabalho com unidades menores, letras, fonemas e sílabas, na organização do trabalho. Então, parte-se do alfabeto como unidade significativa, visando a aprendizagem da escrita, buscando, assim, o reconhecimento das sílabas iniciais e finais. No entanto, esta atividade transcende a decodificação do código, já que abrange um contexto em que ler e escrever é trabalhado como uso. A partir desta atividade, Aurora indicava alguns rótulos no mercado e se esforçava para lê-los, ou dizia o que estava escrito no rótulo, pela memorização do mesmo.

Presentemente, Aurora está no primeiro ano do ensino fundamental. Lê palavras compostas por sílabas simples. Diante de sílabas complexas, costuma ler o fonema de cada letra, e às vezes soletra algumas letras, principalmente o “H”. Por exemplo, ao encontrar a palavra joaninha – ela lê assim: “jo - a - ni - som do n - soletra h - a.” = “JO-A-NI-NAN-AGA-A”. Ela lê parágrafos inteiros desta forma, mas, ao terminar diz que não entende o que leu, apenas cita as palavras formadas por sílabas simples que apareceram no trecho.

Desde as primeiras avaliações, as professoras afirmam que Aurora acompanha a turma normalmente na aprendizagem dos conteúdos, mas, se destaca na oralidade por ser bastante participativa e sempre querer relacionar os temas com suas vivências. As professoras também dizem que ela tem “um tipo de maturidade mais desenvolvido” e um rico vocabulário.

4. Considerações finais

É evidente que Aurora lida com as práticas de letramento numa dimensão lúdica. Este comportamento é condizente com a forma que os pais apresentaram o mundo da escrita para ela. As memórias de Jasmine repletas de fábulas, personagens, teatro, factualmente podem ser atreladas ao brincar.

Já os pais, tão envolvidos no meio profissional e acadêmico, alegam não usar escrita/leitura como lazer, afinal, não sobra muito tempo para isso. Então parecem fazer uma diferenciação: na infância, livros para brincar, na fase adulta, livros para aprender. A mãe comenta que não recorda o último livro que leu por divertimento, Alice no País das Maravilhas, foi uma exceção.

Também chama a atenção que os pais não parecem estimular a leitura visualizando facilitar a aprendizagem escolar da menina. Quando questionados de suas motivações para tanto empenho em inseri-la na cultura escrita, demonstrar ficar pasmos com a pergunta, como se nunca tivessem pensando nisso antes. Afirmando que fazem-no espontaneamente, correspondendo ao interesse da menina.

A família possibilita o acesso aos portadores de texto, bem como, às outras esferas que estimulam o interesse pela leitura: teatro, feira do livro, bibliotecas Letramento faz parte da rotina da família, mas, não há hora nem lugar pré-determinado para ele. As histórias são lidas pela mãe em qualquer hora do dia, em qualquer lugar (ponto de ônibus, dentro do carro, praça). As práticas de letramento são constantes e regulares, todavia, extravasam as paredes do apartamento e não se encaixam nos limites do relógio.

Os três integrantes participam de práticas de letramento, e interagem entre si com elas – um influenciando nas práticas do outro. Não são apenas os pais que influenciam a menina, ela também interfere nas práticas deles.

Os pais providenciam material para Aurora explorar, até mesmo texto em diferentes suportes, como o digital. Entretanto, o letramento digital não tem sido priorizado por eles. Pelo contrário, Aurora só tem acesso à internet acompanhada dos pais. Não tem *tablet*, nem celular, nem vídeo game. Eles preferem que ela ocupe seu tempo com livros, bonecas, jogos reais (não virtuais), passeios ao ar livre, enfim, coisas que eles acreditam caracterizar a infância – para eles, tecnologia digital é coisa séria, pra gente grande.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Ensino fundamental de nove anos: avanços e contradições. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 17, n. 15, dez. 2009.

FRADE, I. C. S. Alfabetização hoje: onde estão os métodos? **Presença Pedagógica**, v. 9, n. 50, p. 18-29, mar./abr. 2003.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; GOUVEA, Maria Cristina Soares. O letramento e o brincar em processos de socialização na educação infantil brincadeiras diferentes. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro v. 20, n. 60, p. 215-244, mar. 2015.

STREET, B. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Paper entregue após a Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade, 2003.